



Popular ou populareesco? A estratégia do SBT para o jornalismo local. Uma análise dos telejornais SBT Rio e SBT Rio Grande.

Rafael CASÉ¹

Resumo: O SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) vem adotando uma linha editorial padrão para seus telejornais locais, baseada, principalmente, no noticiário policial e de cunho “denuncista”. A alteração do formato tem como principal objetivo a briga por audiência com a Rede Record, que veicula o telejornal Balanço Geral em 20 estados e no Distrito Federal. Seguindo esta linha do jornalismo dito popular, o SBT alterou seus telejornais locais, optando por um formato similar ao da concorrente, inclusive com a contratação de apresentadores com o mesmo estilo. Este artigo pretende analisar essas mudanças em dois telejornais específicos: o SBT Rio e o SBT Rio Grande; suas trajetórias, a ruptura com o antigo formato e a reação da audiência.

Palavras-chave: Violência, imprensa, telejornalismo e cidade.

Introdução: O telejornalismo brasileiro, bem como nossa TV, de um forma geral, pode ser considerado um dos melhores do mundo. Temos tecnologia condizente e profissionais experientes, capazes de levar as informações que o telespectador busca, de forma ágil e competente. Mas será que o conteúdo oferecido por nossas emissoras está à altura deste grande aparato jornalístico existente? No âmbito do telejornalismo local, a resposta parece ser não. É que boa parte deste noticiário vem se especializando em um tipo de jornalismo, no mínimo, questionável e com um conteúdo extremamente restrito, voltado, principalmente, para pautas policiais.

Este fenômeno, que na década de 80 e 90, se restringia a alguns programas específicos sobre o tema, chega à primeira década do século XXI com grande ação sobre o telejornalismo. Na busca por maiores índices de audiência, a teoria do “quanto pior, melhor” parece ter sobressaído e com isso, a estrutura tradicional dos telejornais locais das últimas duas décadas do século passado perde cada vez mais espaço. A televisão “convida para a dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico”(BOURDIEU, 1997, p. 25).

¹ Professor Auxiliar FCS/Uerj e Mestrando em Comunicação Social da Uerj, email: rafcase@yahoo.com.br.



Este artigo tem como objeto de estudo dois telejornais locais do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão): o SBT Rio (RJ) e o SBT Rio Grande (RS). A escolha se deu devido à semelhança de suas trajetórias pré-mudança e por suas diferenças após a decisão da emissora de optar por um jornalismo local “mais popular”. Como veremos a seguir, tal mudança foi ocasionada pelo crescimento da Rede Record, que passou a disputar com o SBT o segundo lugar geral no ranking das TVs brasileiras. A emissora pertencente a integrantes da Igreja Universal do Reino de Deus adotou um formato de telejornalismo local centrado na figura de seu apresentador e com um forte coeficiente de notícias policiais. Outro ponto marcante são as matérias de denúncias de serviços que não são prestados a contento à população. Tal formato fez com que a Record conseguisse bons índices de audiência. Diante deste quadro, as emissoras concorrentes buscaram alternativas para tentar reverter esta situação e a atitude tomada pelo SBT foi de alterar seus telejornais locais, fazendo com que ficassem “à imagem e semelhança” dos da concorrência.

Esta situação inverte um paradigma importante no panorama da TV no país. A partir da década de 1970 a Rede Globo, como propalado “padrão Globo de qualidade” passou a ser o modelo a ser seguido pelas concorrentes. E esta talvez seja uma das maiores críticas à TV brasileira, a da padronização. Parafraseando o embaixador da ditadura brasileira, Juaracy Magalhães, que em 1964, disse que “o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”, nossas emissoras adotaram o lema: “o que é bom para a Globo, é bom para nós”. Porém o que se vê hoje é que já começa a haver um movimento contrário por conta da própria TV Globo. Apesar de diversos programas da Record serem cópias dos “globais”, a emissora da família Marinho tem apresentado mudanças em seu conteúdo visando um segmento mais popular da audiência, para tentar abalar o crescimento da Record.

Para analisarmos o novo formato de telejornalismo local do SBT, fizemos um levantamento do conteúdo de 10 (dez) edições dos telejornais SBT Rio e SBT Rio Grande. Esperamos, através desses números, retratar bem a nova tendência adotada pela emissora.

1 – Violência e meios de comunicação

A violência urbana local está presente nos meios de comunicação brasileiros há muito tempo. Desde os primeiros jornais e revistas crimes, golpes e falcatruas sempre tiveram espaço assegurado. No Rio de Janeiro jornais como “A Notícia” ou “O Povo”



eram basicamente voltados para o noticiário policial. O próprio jornal “O Dia”, que hoje adotou uma nova linha editorial, por muito tempo carregou consigo a pecha de um jornal que se alguém espremesse, escorreria sangue de suas páginas.

No rádio, desde a década de 40 há registros de programas voltados para esta área. Em alguns deles, como o tradicional “A patrulha da cidade”, as notícias sobre crimes são rádioteatralizadas, muitas vezes assumindo um tom humorístico. O programa, idealizado pelo jornalista Afonso Soares, em 1960, acaba de completar 50 anos no ar.

Mas, com toda a certeza é na televisão que a violência tem seu maior palco. Até mesmo pela força de suas imagens e este não é um fenômeno apenas local, ou mesmo nacional. O fato é que a exposição de imagens ligadas à violência alcança números estarrecedores. Uma pesquisa realizada pela Escola de Comunicação e Artes da USP, encomendada pela Editora Abril, em 1990, dá uma boa mostra desse quadro. Durante quatro semanas os pesquisadores assistiram a toda programação veiculada pelas quatro maiores redes de TV do país: Globo, SBT, Band e Manchete. O resultado publicado na revista *Veja*, em uma reportagem intitulada “Sexo, socos e babás”, foi assustador. Foram contabilizados, em sete dias, 1.940 tiros, 886 explosões, 651 brigas, 56 facadas e 23 cenas de tortura. É certo que também estão computadas ali imagens exibidas em produtos de ficção, como filmes, seriados e novelas, mas o resultado deixa claro o quanto estamos expostos ao tema.

O sangue, o sexo, o drama e o crime sempre fizeram vender, e o reino do índice de audiência devia alçar à primeira página, à abertura dos jornais televisivos, esses ingredientes que a preocupação de respeitabilidade imposta pelo modelo de imprensa escrita séria levava até então a afastar ou relegar. Mas as variedades são também notícias que distraem. (BOURDIEU, 2007, p.23)

Nos programas jornalísticos, ou pseudo-jornalísticos da TV, a violência do dia-a-dia pauta as produções e como os índices de criminalidade dos grandes centros urbanos são grandes, assunto é o que não falta. Como nos demais segmentos, o jornalismo de TV teve, também, em seu início uma grande influência da programação radiofônica. Por isso mesmo, programas policiais logo ganharam espaço na grade de programação. No SBT, emissora que estudamos neste artigo, dois deles se destacam: “O povo na TV” e o “Aqui e Agora”. O primeiro estreou ainda na TVS (concessão obtida por Sílvio Santos no Rio de Janeiro). O programa dava destaque para o noticiário policial e para entrevistas sobre temas polêmicos e escândalos. Reportagens



denunciavam abusos contra o consumidor e o programa oferecia assistência jurídica ao vivo. Um desses advogados era o atual presidente do PTB, Roberto Jefferson, que se utilizou de sua visibilidade televisiva para entrar na política. Também não era raro entrevistados chegarem às vias de fato em pleno estúdio. O programa, dirigido por Wilton Franco teve como um de seus apresentadores Wagner Montes, que logo citaremos novamente. O “Aqui Agora” estreou em 1991, quando o SBT já era uma rede de TV. Tinha como slogan a seguinte frase: “Um jornal vibrante, uma arma do povo, que mostra na TV a vida como ela é!”. O programa fazia uma “transposição do jornalismo popular de rádio para a televisão” (SQUIRRA, 1993, Pág. 142) e estreava um novo rótulo para a TV: o do “jornalismo mundo-cão”. Para Camargo (2000), “O Aqui Agora ...contribuiu para uma mudança na forma de se fazer telejornal. Movimentos de câmera acompanhando os repórteres que testemunhavam o acontecimento no local e até colocavam a vida em risco (incluindo a dos cinegrafistas), os fait-divers bem explorados nas imagens captadas e nos conteúdos textuais, a respiração ofegante de policiais perseguindo criminosos, todo um clima voltado para a denúncia “ao vivo” (quando possível).” O programa trouxe nomes do jornalismo policial que já tinham alcançado prestígio no rádio, como o repórter Gil Gomes e em outras emissoras de TV como Jacintho Figueira Junior, o “Homem do sapato branco”.

Nesse gênero de jornalismo, o mais importante é a manchete, que faz o leitor ou telespectador ler ou assistir (comprar) apenas por atração, por sensação, por impacto, por curiosidade despertada, uma vez que o desenvolvimento da matéria não acrescentará nada além daquilo que já foi anunciado. As matérias têm o tempo e a duração que forem necessários, desde que mantenham o receptor interessado naquilo que é mostrado, garantindo a audiência. Entretanto, não se pode negar, que nesse gênero de jornalismo, a informação não esteja presente, nem tampouco, deixar de admitir que o jornalismo tido como sério, esteja completamente livre de assumir características tipicamente sensacionalistas. (PATIAS, 2006)

É nessa fonte que o “novo” telejornalismo local do SBT vai voltar a beber.

2 – Uma imagem perversa para as cidades

O crescimento desordenado dos grandes centros urbanos fez com que sofressem, com o passar do tempo, com males inevitáveis, tanto na esfera ambiental, quanto na humana. O grande fluxo populacional para as metrópoles gerou a favelização, um excesso de mão de obra ociosa e, conseqüentemente, um aumento da violência.



É inegável que os índices de criminalidade nos grandes centros urbanos assustam, mas também é incontestável que a mídia exerce grande influência na amplificação destes números e de suas consequências, fazendo, muitas vezes, com que assumam o papel principal em jornais, noticiários de rádio, de TV e da Internet.

A repetição da unidade informativa violência (e seu julgamento impresso) gera um tipo de discurso social autoritário que contempla a tragédia do impulso agressivo do homem. Viver é fatal, mata. A palavra de ordem dos jornais popularescos é a repetição de que a vida é perigosa e os homens matam (e os jornais noticiam e, por isso, mostram os maus). Ao repetir o mesmo enunciado a cada edição, realiza o culto à grandeza da violência na sociedade (e ao poder justiceiro do jornalismo)... O efeito da notícia sensacional toma contornos visuais, estilísticos e ideológicos no imaginário do leitor: a cidade está violenta. O leitor elabora um outro discurso que exclama, contempla e comenta o cotidiano: o discurso reflexo que dota a violência de um poder fantasma que pode estar em toda parte. (PEDROSO,2001)

O resultado dessa ação é uma vilanização de parte da população, em sua maioria habitante de comunidades carentes, e uma rotulação de algumas cidades como pólos de violência. É o que o teórico Eliseo Verón chama de construção da realidade por parte da mídia.

Um exemplo típico é o Rio de Janeiro. A ação de facções criminosas e suas ações, muitas vezes ousadas, enchem páginas e mais páginas de jornais, ocupam espaço privilegiado nos telejornais e fazem com que a cidade, dita “Maravilhosa”, se transforme aos olhos da opinião pública, como uma região sitiada. E como grande parte dessas quadrilhas se esconde nas favelas que se espalham pela cidade, esses agrupamentos habitacionais, alguns deles enormes, maiores que muitas cidades brasileiras (a favela da Rocinha, no bairro de São Conrado, possui cerca de 200.000 habitantes), são afetados pela discriminação. Um sentimento que atinge em cheio centenas de milhares de moradores que nada tem a ver com o crime. Um rótulo que ganha o imaginário coletivo, não apenas do morador da cidade, mas principalmente dos habitantes de outros estados e, até mesmo, de outros países. Por estarem longe da vivência diária da cidade e por serem bombardeadas por um noticiário que supervaloriza os acontecimentos trágicos, essas pessoas tendem a acreditar que a situação é muito mais grave do que se apresenta. Tal reação além de causar sérios danos à imagem da cidade, também provocam estragos na questão econômica, restringindo novos investimentos e reduzindo o número de turistas.



Este fenômeno, no entanto, não se restringe a megalópoles, como Rio ou São Paulo. Em um estudo publicado na Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, o pesquisador Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior, em seu artigo “As cidades do telejornalismo: algumas considerações”, mostra que no Recife, capital de Pernambuco, o mesmo ocorre em relação aos principais telejornais locais.

Os telejornais acabam enfatizando um dos aspectos que constitui o dia-a-dia da cidade que é a violência, deixando de lado outros que fazem parte de seu cotidiano, como a cultura, a política e a economia. É como se outras atividades, outros acontecimentos como a questão do emprego, da educação, da habitação, não fizessem parte do dia-a-dia do Recife. Nesse sentido, o enquadramento dos noticiários contribui para a construção de uma cidade em que a violência é a sua marca. (VIZEU,2007)

O novo telejornalismo local do SBT, apresentado neste artigo, quando faz desaparecer as demais pautas para priorizar as pautas sobre violência, se encaixa perfeitamente nesta linha de formação do caráter perverso das cidades.

Os telejornais ocupam um lugar central na forma como os brasileiros percebem o mundo que os cerca. A agenda diária da cobertura dos fatos pelos noticiários influencia a agenda pública. As conseqüências deste agendamento e do enquadramento dos acontecimentos feito pelos noticiários sugere que eles não só propõem o que devemos pensar, como também nos propõem como pensar. (McCOMBS, 1993, apud VIZEU, 2007)

3 – SBT Rio: primeira fase

O SBT nasceu no Rio de Janeiro. Em 22 de dezembro de 1975, o então ministro das Comunicações, Quandt de Oliveira, concedeu um canal para o apresentador Sílvio Santos.

A TV Studios entrou no ar em 14 de maio de 1976. Entre os investimentos estavam a compra de equipamentos de última geração e a aquisição da torre da antiga TV Continental. Porém, só após a falência da TV Tupi, em 1980, Sílvio Santos pôde ter uma rede de canais, com a qual lançou, em 1981, o Sistema Brasileiro de Televisão.

Como bom apresentador de programas de auditório, o dono da emissora nunca foi muito afeito a programas jornalísticos e só os manteve no ar quando era pressionado a cumprir a legislação que obriga que cada “praça” de uma rede de TV destine parte de sua grade de programação à produção local. Foi justamente por este motivo que o SBT Rio surgiu. No final da década de 1990, a deputada Jandira Feghalli (PC do B-RJ),



apresentou um projeto de lei que pretendia regulamentar o art. 221 da Constituição Federal, estabelecendo percentuais mínimos de veiculação de programas produzidos no local de sua sede pelas emissoras de rádio e de televisão. O SBT decidiu então se antecipar e abriu espaço para jornais locais em algumas praças, como no Rio de Janeiro, em 1999, e no Rio Grande do Sul, em 2000.

Foi montada uma pequena equipe tendo à frente a jornalista Renata Affonso, ex-repórter da emissora, que assumiu o cargo de editora regional e de apresentadora do noticiário. A partir de uma pesquisa inicial, o jornal decidiu voltar sua linha editorial primordialmente para o público das classes C e D. A tarefa mais difícil, no entanto era criar uma credibilidade do telejornal junto aos telespectadores, já que há anos a emissora não produzia conteúdo jornalístico local. O objetivo era mostrar, também, que a produção jornalística nada teria a ver com a linha editorial do Aqui Agora, ainda muito associada ao SBT.

Os principais assuntos abordados, além do factual, eram os problemas de infraestrutura vividos por comunidades carentes, a defesa do consumidor, cultura, esportes e comportamento. A coluna “SBT vai até a sua comunidade” abriu espaço para regiões que, até então, não eram mostradas com frequência, como a Baixada Fluminense e São Gonçalo. Aliás, foi esta preocupação de retratar a realidade de um lado esquecido do Grande Rio que fez com que os índices de audiência crescessem. O telejornal ganhou um público fiel, que podia ser sentido mesmo quando ocorriam mudanças de horário do telejornal (e foram várias). A princípio os números caíam, mas uma fatia da audiência se mantinha, comprovando a fidelização do público.

O telejornal aos poucos foi ganhando estrutura e com cerca de seis anos de existência já ocupava com muita folga o segundo lugar na audiência do horário. Em alguns dias de melhores índices, o SBT Rio chegou a alcançar 60% da audiência do RJTV, da Rede Globo, seu concorrente direto. A concorrência se fez sentir, tanto que a Globo começou a investir mais na cobertura do Grande Rio, criando uma seção chamada “RJ na Baixada”, com entradas diárias, ao vivo, da região.

Este quadro de evolução do SBT Rio esbarrou, no entanto, na decisão da Rede Record de exibir, a partir de outubro de 2006, o programa Balanço Geral, comandado pelo deputado estadual Wagner Montes (PDT-RJ), na mesma faixa de horário que o telejornal do SBT. O carisma de Wagner Montes e a novidade da atração alteraram significativamente o quadro da audiência do jornalismo local da hora do almoço, roubando preciosos pontos não só do SBT, mas da Globo também.



A Record passou a disputar ponto a ponto o segundo lugar na audiência e a direção de jornalismo do SBT decidiu mudar. A primeira medida foi a demissão de Renata Affonso, cabendo ao jornalista Paulo Nogueira assumir a editoria regional, que agora também produzia matérias para o Jornal do SBT. A apresentação ficou a cargo de Marcelo Castilho, que antes atuava como repórter e que não tinha o mesmo carisma da apresentadora anterior.

O resultado não foi o esperado, a concorrência continuava levando vantagem. Então, em março de 2009, o SBT resolveu mudar a cara dos seus telejornais locais, copiando o Balanço Geral, inclusive no estilo de apresentação. Para o SBT Rio foi trazido de São Paulo o apresentador Luiz Bacci, de apenas 25 anos, mas com passagens pelo Aqui Agora e por programas de entretenimento.

Em um release divulgado para a imprensa, no começo do ano passado o diretor nacional do SBT, Paulo Nicolau, anunciava a unificação da chefia de jornalismo de suas afiliadas em todo o Brasil, concentrando em São Paulo as decisões editoriais.

4 – SBT Rio Grande: primeira fase

A história do SBT Rio Grande é bem semelhante à do SBT Rio. Criado em 2000, sob o comando da jornalista Cristiane Finger, que também atuava como apresentadora, o jornal se direcionava não só à capital. De acordo com o site da emissora, o sinal do SBT no Rio Grande do Sul chega a 262 municípios, alcançando 90% da população do estado. O telejornal abordava temas atuais de todo o Rio Grande do Sul, além de contar a cada dia com quadros especiais. Diariamente, ainda sorteava brindes para telespectadores. Durante o seu tempo de exibição, se caracterizou pela seriedade e conseguiu aos poucos abrir espaço em meio à audiência gaúcha.

O ponto de mutação, como no Rio de Janeiro, se deu com a veiculação do programa Balanço Geral, a partir de julho de 2007, que em Porto Alegre é apresentado pelo também paulista Alexandre Motta.

Em um artigo para o site do Observatório da Imprensa, em outubro de 2009, Valério Cruz Brittos e Andres Kalikoske confirmam que “a penetração da Record RS junto aos gaúchos ocorreu especialmente a partir da chegada do jornalista paulista Alexandre Motta, colocado pela direção nacional estrategicamente à frente do Balanço Geral. Apesar de já ter contado com outros apresentadores desde sua estréia, quando assumido por Motta, a partir de fevereiro de 2008, o programa acaba por alavancar a



audiência do horário (12h40 às 14h40), com reportagens populares fortemente direcionadas às classes C e D e que também abrangem a região metropolitana de Porto Alegre, muitas vezes ignorada pelos demais telejornais... abalado pela crescente audiência do Balanço Geral, e com forte tendência ao popularesco, o SBT Rio Grande foi se desintegrando aos poucos. Adepta do bom jornalismo, Cristiane Finger (que também é doutora em Comunicação e professora da PUC-RS) descartou a possibilidade de popularizar seu telejornal, por não concordar com a linha editorial exigida pela rede. Afastou-se por opção, sendo substituída por um repórter que não contava com o mesmo carisma, além de não ter tanta notabilidade no vídeo. Diante disso, o SBT Rio Grande esfacelou-se, logo sendo transformado em edições extras de três minutos, transmitidas ao longo da programação. A rápida ascensão de Alexandre Motta chamou a atenção de Silvio Santos... optou-se por investir em um programa que captasse o crescente público do Balanço Geral”.

A então editora-chefe confirma que a direção da emissora fez de tudo para mudar o jornal. “Havia uma grande pressão para que eu tornasse o jornal bem popular, melhor, popularesco. Como não é o meu perfil e não acredito nisso acabei deixando o SBT. Na época da minha saída cheguei a dizer que fazer o mesmo que a Record, com menos recursos, era suicídio. Que deveríamos investir em mais equipes equipamentos e cenário e fazer um jornalismo com conteúdo mais de serviço. Nem sempre nós, como jornalistas, podemos dar ao espectador aquilo que ele quer, mas, sim, o que ele precisa. Se formos fazer exatamente o que a concorrência faz, não faremos tão bem. Temos que encontrar o nosso nicho, uma forma singular de fazer jornalismo e que cativa a audiência por isso”, afirma Finger.

5 – Repórter Coragem

Se no Rio de Janeiro, houve uma fase intermediária de mudança de formato, já com Luiz Bacci à frente da bancada do SBT Rio, em Porto Alegre a direção do SBT optou por uma mudança bem mais radical e criou um programa noticioso chamado Repórter Coragem.

Para a apresentação foi chamado o repórter Herbert de Souza, egresso do Aqui Agora, como seu colega do Rio de Janeiro. O programa, já em sua vinheta, com trilha sonora dramática e cenas policiais sobre um fundo vermelho, mostrava a que vinha. O



noticiário era quase todo voltado para assuntos de violência e contava com uma narrativa dramatizada de seu apresentador, seguindo a cartilha deste tipo de programa.

Os jornalistas claramente têm a intenção de emocionar o receptor, despertando raiva, amor, piedade, indignação, etc. A reportagem se torna um show televisivo, afastando-se do jornalismo impresso (ou mesmo do jornalismo) e aproximando-se dos conteúdos ficcionais. A informação por si mesma já não importa mais, ou já não importa tanto. O que vale é a representação do fato, a atuação dos jornalistas/atores, o desempenho dos entrevistados personagens, pois... assim como na ficção o bom ator salva o mau personagem e o mau ator enterra o bom personagem, na matéria telejornalística um personagem bem colocado, que por qualquer condição conte a informação de forma interessante, curiosa ou divertida, torna-se elemento de valorização da informação...(TEMER, 2002, p. 231)

Numa clara tentativa de criar um vínculo entre ele e a audiência, Herbert de Souza passou boa parte da primeira edição do programa apresentando-se. Foi exibida uma grande reportagem mostrando seus “feitos” anteriores. O apresentador chegou a dizer que já tinha um grande vínculo com o Rio Grande, já que era do Rio Grande do Norte. E numa fala, com toda certeza sem precedentes no jornalismo brasileiro, confessou-se órfão e perguntou às donas de casa e aos chefes de família que o estavam assistindo se os podia chamar de mãe e de pai.

A repercussão foi desastrosa, como afirmam Valério Cruz Brittos e Andres Kalikoske no já citado artigo para o Observatório da Imprensa.

Encorajado pelo SBT nacional a chegar e falar o que pensa, Herbert notoriamente não estava à vontade diante das câmeras. Com tom carregado e total carência de verossimilhança na articulação de gírias locais, o jornalista caminhava abruptamente pelo pequeno cenário, atrapalhando o foco e o enquadramento de câmera e quase inaugurando negativamente um novo preceito no telejornalismo local. Em redes sociais na internet, telespectadores criaram comunidades pedindo a extração do programa. Diante disso, a estratégia do SBT RS, de buscar um jornalismo popular capaz de atingir as classes menos favorecidas, foi descontinuada, e o Repórter Coragem deixou de ser exibido sem aviso prévio.

O SBT Rio Grande volta ao ar em 29 de setembro de 2009, desta vez apresentado pelo jornalista Rafael Rocha.



6 – Igualdades e diferenças

A nova fase dos telejornais SBT Rio e SBT Rio Grande fez com que os dois telejornais ficassem bastante semelhantes, seja no cenário, seja na forma de apresentação, muito parecida com a do concorrente, Balanço Geral, da Record.

O apresentador fica em pé no estúdio, tendo atrás de si um cenário arrojado, formado por monitores de TV onde ele acompanha a exibição das imagens; se comunica pelo ponto eletrônico com a direção técnica do programa, pede a repetição de imagens, dá ordens; movimenta-se com liberdade; gesticula e abusa de expressões faciais; pode se aproximar ou se afastar das câmaras, produzindo efeitos muito diferenciados, em especial quando é enquadrado em close-up; e, principalmente, faz seus julgamentos: "vagabundo", "safado", "sem-vergonha", "escória da sociedade", repete com frequência, enquanto são exibidos os rostos dos acusados de roubo e outros crimes que o programa apresenta. (FLAUSINO, 2003).

Outra semelhança patente é a linha editorial, com forte apelo para as pautas policiais.

“Os telejornais voltados para uma proposta mais popular buscam obter mais audiência com matérias jornalísticas com maior apelo dramático, em que predomina a moral simples do bem contra o mal, de mocinhos contra bandidos. Para conquistar a audiência, esses telejornais não têm pudor em transformar um acontecimento sem maior importância em manchetes espalhafatosas, usando, para isso, excessos emocionais e uma linguagem exacerbada e excessivamente coloquial, eventualmente com a utilização de gírias, termos de baixo calão e insinuações apoiadas em ambivalências lingüísticas. A soma dessas características compõe o sensacionalismo, ou o jornalismo sensacionalista”. (TEMER, 2004)

Porém, após uma avaliação de dez edições dos dois telejornais, durante duas semanas, pudemos constatar uma diferença bastante significativa em relação a seus conteúdos. O SBT Rio Grande está mais aberto a pautas que fujam dos temas policiais e das denúncias de serviços mal prestados à população, uma obsessão do telejornal carioca.

Para chegarmos a esta afirmação fizemos um levantamento do tempo dispensado por cada telejornal para temas básicos que classificamos da seguinte forma:

- Polícia – pautas envolvendo assassinatos, assaltos, sequestros, agressões, operações policiais, tráfico de drogas e demais crimes
- Saúde – temas relacionados com saúde pública (inclusive denúncias) e descobertas médicas



- Cidade – trânsito, acidentes, incêndios, manutenção dos centros urbanos, serviços

- Esportes – futebol e esportes amadores
- Celebidades – notícias sobre o mundo artístico

OBS1: Para o SBT Rio Grande retiramos Esporte e Celebidades e incluímos mais 3 itens

- Economia - empregos e oportunidades de negócios
- Comportamento – hábitos dos cidadãos, manifestações culturais, tendências, curiosidades
- Previsão do tempo

OBS2: Os percentuais abaixo já incluem o tempo utilizado pelos apresentadores para seus comentários.

SBT Rio – períodos: 26 a 30/04/2010 e 03 a 07/05/2010

Tempo total: aproximadamente 4 horas

Polícia	68,3%
Saúde	12,7%
Cidade	14,9%
Esporte	0,2%
Celebidades	3,9%

SBT Rio Grande – períodos: 17 a 21/05/2010 e 24 a 28/05/2010

Tempo total: aproximadamente 4 horas e 40 minutos

Polícia	47,91%
Saúde	3,57%
Cidade	26,46%
Economia	10,42%
Comportamento	7%
Previsão do tempo	4,64%



7 – Conclusão

Após a análise desses dados acima podemos ver, claramente, que apesar dos dois telejornais observados seguirem uma mesma linha editorial, imposta pela “cabeça de rede”, a resposta de cada um dos públicos fez com que os dois telejornais seguissem rumos diferentes. Há no SBT Rio uma preocupação bem maior com as pautas policiais, já o telejornal SBT Rio Grande abre muito mais espaço para outros temas.

Avaliando o históricos dos dois telejornais e a reação de cada audiência, algumas hipóteses podem ser apresentadas.

Em relação ao SBT Rio Grande, parece estar claro que a emissora decidiu retroceder depois do passo dado em direção ao sensacionalismo exacerbado do Repórter Coragem. A resposta negativa inapelável dada pelo povo gaúcho teria levado a direção da emissora a buscar um formato híbrido, com um peso significativo para as reportagens policiais (quase 50% do conteúdo), mas também com a cobertura de outros temas de interesse da população; medida que teria feito com que os índices de audiência voltassem a subir.

Já em relação ao SBT Rio, o quadro é outro. Como a radicalização do conteúdo do telejornal para matérias policiais e de cunho “denuncista” surtiu o efeito desejado, com o aumento significativo da audiência, o telejornal assumiu o conteúdo “policialesco” como carro-chefe.

Tal fenômeno midiático levanta diversas questões:

- O que estaria provocando o sucesso deste modelo no Rio de Janeiro?
- Por que no Rio Grande do Sul o modelo sensacionalista recebeu uma reprovação da audiência e o mesmo não ocorreu no Rio de Janeiro?
- O sucesso teria alguma ligação com o desempenho do novo apresentador?
- Estaria a população carioca tão obcecada pela violência urbana ao ponto de só desejar se informar sobre o tema?
- A violência estaria sendo consumida como uma forma de entretenimento?
- O público carioca não sente falta de outras notícias?

Como se vê, os motivos para tal reação da audiência carioca merecem ser estudados bem mais a fundo.



8 - Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- FLAUSINO, Cristina Valério. **Choro gratuito: a violência no telejornalismo brasileiro**: INTERCOM – XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003
- NOGUEIRA, Adriana Cardoso. **Violência nos telejornais: a realidade espetacularizada**. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes: Campinas, 2000.
- PATIAS, J.C. **O telejornal sensacionalista, a violência e o sagrado**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. Anais...São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM
- PEDROSO, Rosa Nívea. **Contribuições aos estudos do sensacionalismo no jornalismo impresso brasileiro**. Sala de Prensa, nº 35, Ano III, Vol.2, 2001
- REZENDE, GUILHERME JORGE DE. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo, Summus, 2000.
- SQUIRRA, Sebastião. **Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro**. Petrópolis:Vozes, 1993.
- TEMER,A.C.R.P.. **Sensacionalismo sem sangue - uma análise do telejornalismo ao vivo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.
- TEMER, A.C.R.P. 2002. **Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro, Sotese.
- VIZEU, A. **As cidades do telejornalismo: algumas considerações**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007.Revista VEJA – edição 1.137 – 04 de julho de 1990, Editora Abril, SP

Depoimentos:

Cristiane Finger – Maio/2010

